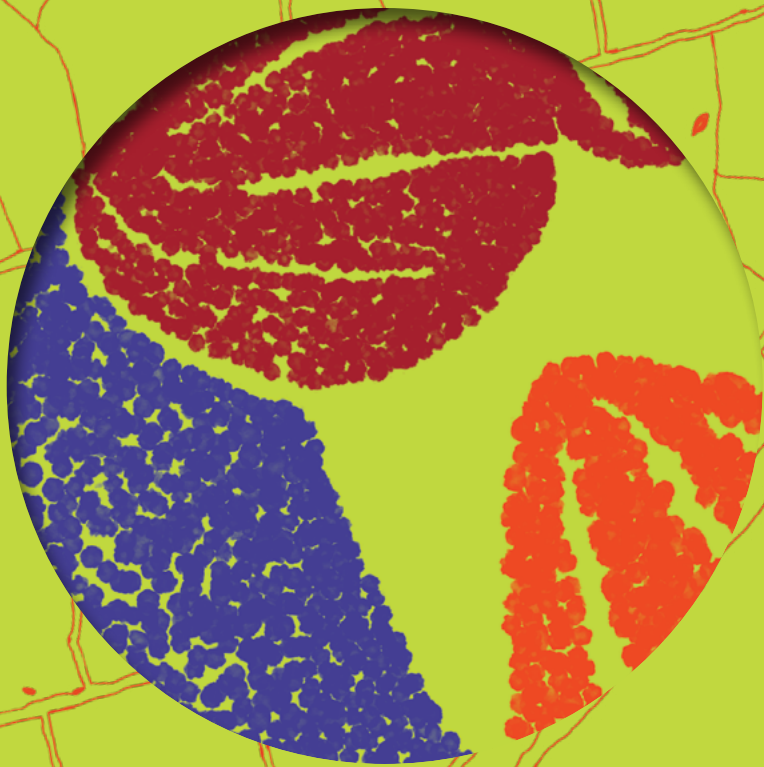


O ETERNO ESPERANÇAR





Preâmbulo

A edição do relatório anual de 2025 nos desafiou a traduzir uma imagem possível para o tempo em que vivemos, um tempo em que habitar a realidade significa lidar com um emaranhado dinâmico de relações e dele extrair um misto de escuta e presença contínua.

Sobrevoar o presente, inspirados no fluxo dos rios voadores que cruzam a atmosfera, foi uma forma de enxergar a história que habitamos em 2025. Ao percorrer esse espaço, foi possível reconhecer um universo de conexões e transformar nosso movimento em direção. Um exercício de composição em que nada existe sozinho. Tudo é relação.

Essa lógica viva e interdependente se revela nos ciclos da natureza: da germinação silenciosa à polinização delicada, da dispersão dos frutos às raízes que se expandem em associação com microrganismos invisíveis. A vida se constrói em colaboração. Foi com esse olhar que convidamos a artista botânica e roteirista Lívia Serri Francoio, cuja sensibilidade traduz, em linguagem visual, a complexidade desse sobrevoo. Em suas imagens, a floresta se revela em múltiplas perspectivas: do alto, do interior, do invisível ao cósmico, tornando visíveis fluxos, ciclos e conexões que estruturam nosso tempo.

Esta edição também utiliza a tipografia Seiva, criada por uma equipe de designers brasileiros, cujo traçado delicado e fluido desafia a tradição e expressa a ideia de transformação. Essa mesma leitura se estende ao design: os pontos do nosso logotipo como pontos de encontros, onde trajetórias se cruzam e novas possibilidades emergem. Partimos daqui, mas não encerramos o percurso.

Em 2026, o Instituto Arapyaú entra em sua maioria e, para celebrar esses 18 anos, convidamos você a ler o presente com atenção, reconhecendo os sinais de transformação que já estão em curso e caminhar conosco nesta jornada que atua no hoje para cultivar novos futuros.

Paula Detoni

Gerente de comunicação do Instituto Arapyaú

Filantropia em ação: experimental para transformar

Roberto Waack

Presidente do Conselho do Instituto Arapyaú



O exercício de olhar para 2025 não deixa dúvida: a COP30 no Brasil, em plena floresta amazônica, fez história. Em um mundo de multilateralismo em xeque, o encontro não permitiu grandes avanços nas negociações entre países — mas isso não diminuiu sua relevância. Pelo contrário. A conferência de Belém apontou uma inflexão importante ao incentivar o mundo a falar menos de COPs e mais de soluções concretas para enfrentar a crise climática e a perda acelerada de recursos naturais.

A COP30 evidenciou uma passagem de bastão da agenda de clima e natureza de um ambiente predominantemente diplomático para a sociedade como um todo. Fora das salas de negociação, surgiram iniciativas capazes de conectar o mundo produtivo, o conhecimento técnico e as políticas públicas em torno de caminhos concretos de transformação.

A proposta de fortalecer uma Agenda de Ação foi um passo importante nessa direção. Impulsionados pela presidência da conferência, estudos setoriais voltados aos temas de florestas, agronegócio, mobilidade e energia reforçaram a constatação de que as soluções já existem, mas precisam ganhar escala.

Foi nesse contexto que o Instituto Arapyaú ampliou sua atuação e consolidou seu papel como articulador entre sociedade civil, setor empresarial e governos, ajudando a aproximar diferentes perspectivas e a organizar debates sobre temas estratégicos para o país — sempre de forma coletiva e em diálogo com o Brasil e com o mundo.

Essa atuação responde, em grande medida, ao tempo em que vivemos.

Durante décadas, tomamos decisões em um mundo que, apesar das incertezas, ainda permitia algum grau de previsão. Era um mundo probabilístico. Modelos, cenários e projeções não eram perfeitos, mas ofereciam indicações razoáveis de tendência. Era possível imaginar o futuro com alguma antecedência e desenhar estratégias relativamente estáveis.

Hoje vivemos algo diferente, um mundo *possibilístico*. Um ambiente em que as projeções têm cada vez menos capacidade de antecipar caminhos e em que múltiplos futuros permanecem abertos ao mesmo tempo. A geopolítica, a transição energética, a segurança alimentar, o avanço da inteligência artificial e as transformações no comércio global se movem em velocidade e com um grau de imprevisibilidade que contestam os instrumentos tradicionais de planejamento.

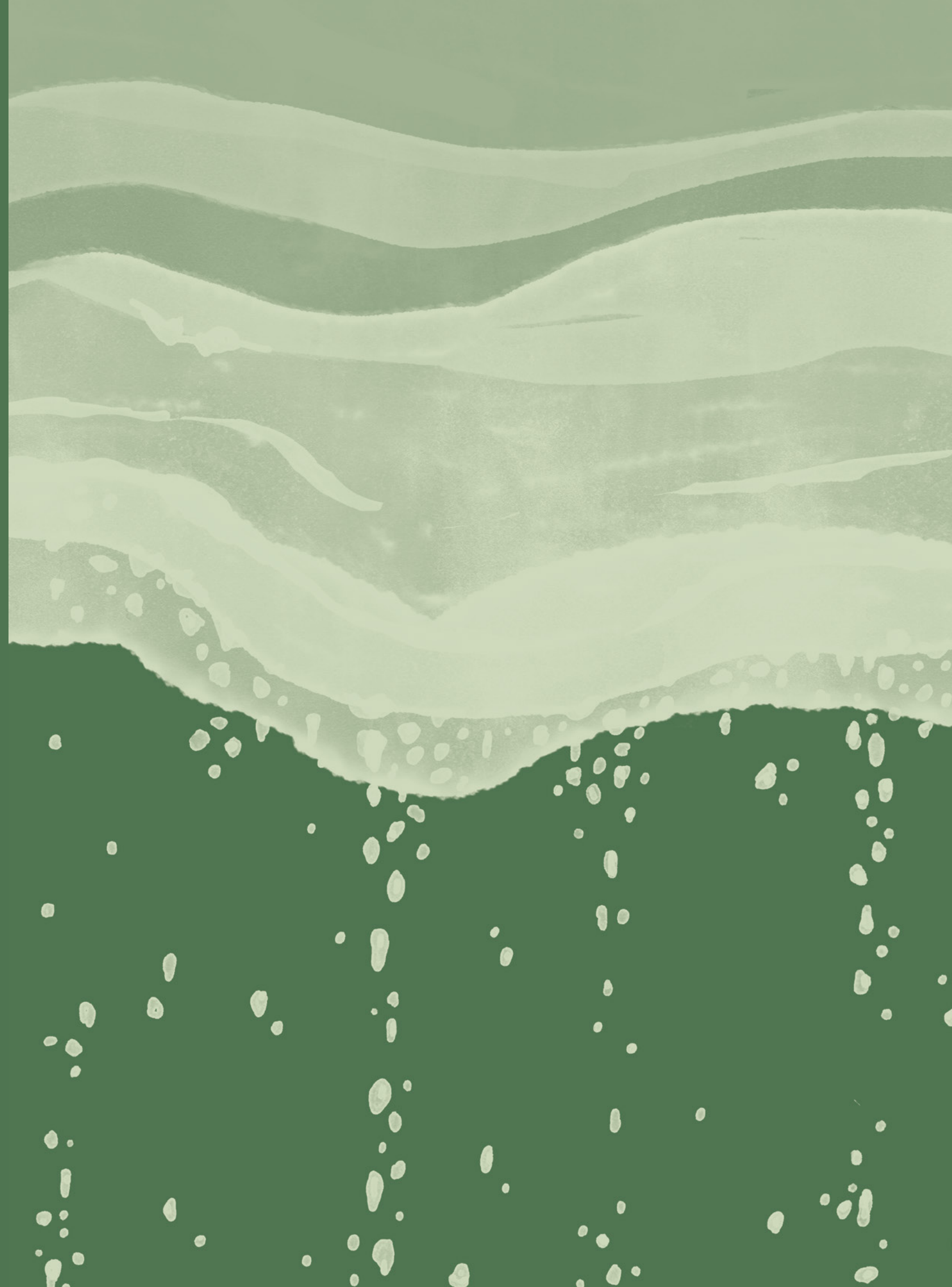
O desafio não é mais prever o futuro com precisão, mas desenvolver a capacidade de interpretar contextos em tempo real e reagir com agilidade. E isso exige outro tipo de inteligência. Uma inteligência mais aberta à diversidade de perspectivas, mais disposta a experimentar e mais preparada para aprender com o erro. Exige também uma combinação menos rígida entre racionalidade e intuição — algo que, durante muito tempo, permaneceu à margem dos modelos tradicionais de governança e tomada de decisão.

É justamente nesse contexto que a filantropia ganha uma relevância particular.

Em tempos *possibilísticos*, a liberdade própria da filantropia de explorar caminhos, testar hipóteses e apoiar ideias antes que elas se tornem consensos, é valiosa. A filantropia pode assumir riscos, experimentar, errar e aprender. Pode testar conceitos, validar caminhos e catalisar processos que, depois, ganham escala por meio de políticas públicas ou da ação de outros setores.

Sua força não está na escala direta de atuação, mas na capacidade de ampliar o espaço do possível. Em um tempo em que o futuro já não pode ser descrito por projeções e modelos, abrir caminhos passa a ser tão importante quanto executar soluções.

Conectar, experimentar, aprender rapidamente e agir em rede — essas passam a ser competências centrais para enfrentar os desafios do nosso tempo. E é justamente nesse espaço, onde incerteza e possibilidade se encontram, que a filantropia pode exercer um de seus papéis mais transformadores.



Um ano de ambição, com os pés no chão

Renata Piazzon
CEO do Instituto Arapyáú

Desde que o Instituto Arapyáú foi criado, há 18 anos, somos orientados a buscar soluções concretas para problemas reais. Esse senso prático nunca esteve tão presente como no ano de 2025, ano da COP30 na Amazônia. Em um momento histórico para o debate do clima no país, o Arapyáú concentrou sua atuação em entregas propositivas, conectadas à chamada Agenda de Ação.

Com a conferência em Belém como bússola, o Arapyáú se alinhou ao espírito de mutirão global proposto pela presidência da COP30 aos governos, empresas e organizações da sociedade civil. Ao longo do ano, direcionamos parte dos nossos esforços para ajudar a posicionar o Brasil como uma vitrine para o mundo. Em parceria com o Instituto Itaúsa, mapeamos quase 70 soluções brasileiras em clima e natureza, em setores-chave para a redução das emissões, com o objetivo de inspirar outras experiências e atrair investimentos.

Esse trabalho se desdobrou em um mergulho profundo em um tema central para o Arapyáú: as florestas. Ao mapear um conjunto de iniciativas públicas e privadas capazes de inverter a curva de desmatamento e ainda expandir a área florestal no Brasil, o relatório ajudou a orientar negociadores em Belém e segue em diálogo com o Mapa do Caminho pelo Fim e pela Reversão do Desmatamento e da Degradação Florestal, uma contribuição importante da presidência da COP30.

Outra realização que nos encheu de orgulho foi o Pavilhão de Ciências Planetárias, primeiro espaço mandatado por uma presidência de COP — uma iniciativa inédita na história das conferências do clima. Liderado por dois dos mais importantes cientistas climáticos, o sueco Johan Rockström, diretor do *Potsdam Institute for Climate Impact Research*, e Carlos Nobre, copresidente do Painel Científico para a

Amazônia, o pavilhão foi concebido para aproximar a ciência do centro das negociações.

Iniciativas dessa natureza, realizadas em pouquíssimo tempo, só acontecem quando o trabalho é feito de forma colaborativa. Esse espírito de articulação, que está na origem do instituto, possibilitou a coordenação com outras entidades filantrópicas nacionais e estrangeiras, academia, setor privado e setor público, ampliando nossa capacidade de mobilizar conhecimentos, construir pontes e gerar impacto.

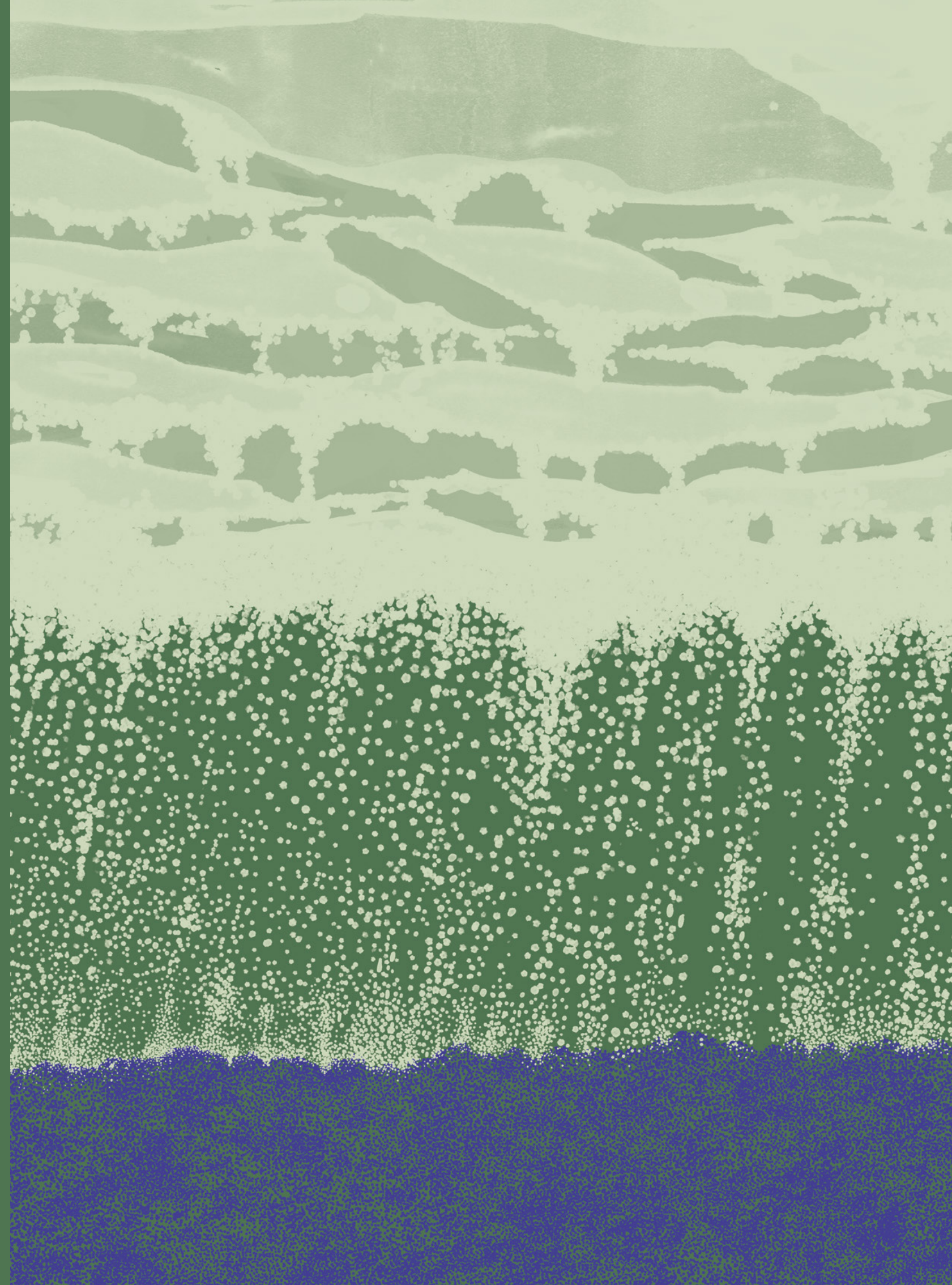
Muito além da COP, vivemos um ano de experiências concretas, com forte impacto econômico e social nos territórios onde atuamos. Uma das grandes inovações foi o lançamento do fundo Kawá, que nasceu com a ambição de mobilizar R\$ 1 bilhão para financiar agricultura familiar e regenerativa na Mata Atlântica e na Amazônia. Criado para apoiar produtores de cacau historicamente fora do sistema financeiro, o fundo traduz nosso modo de fazer filantropia: testar novos formatos, reduzir riscos para investidores e apontar caminhos que podem inspirar políticas públicas e soluções em escala.

A experiência com o cacau nos levou a ampliar o olhar sobre as cadeias produtivas da floresta. Esse é o ponto de partida do projeto Tucumã, feito em parceria com o Grupo Trigo, rede com mais de 700 restaurantes. A iniciativa nasce da convicção de que, para a bioeconomia amazônica prosperar, é preciso combinar políticas públicas adequadas à realidade do território com o engajamento do setor privado na construção de novas cadeias de abastecimento.

O ganho de escala também aconteceu nas redes que incubamos. Criado em 2023, o Conexão Povos da Floresta avançou neste ano em uma velocidade maior que a esperada, chegando a mais de 2.100 comunidades indígenas, extrativistas e quilombolas na Amazônia, com conquistas relevantes em educação e saúde digital. O MapBiomias — uma rede que reúne organizações não governamentais, universidades e empresas de tecnologia —, outra iniciativa incubada pelo Arapyaú, ampliou sua presença internacional e recebeu uma das maiores captações já realizadas pela filantropia global para iniciativas voltadas ao monitoramento ambiental.

Esses resultados refletem um momento de fortalecimento institucional. Ao longo do ano, avançamos na estruturação de nossa governança, com a reorganização de diretorias e com a consolidação de nosso planejamento estratégico 2026–27. Ampliando nosso compromisso com a diversidade e representatividade dentro da organização. Esse processo fortaleceu nossa cultura e ampliou nossa capacidade de atuação. Seguimos juntos, com os olhos voltados para o futuro, mas sem tirar os pés do chão.

Boa leitura!





1

UMA AGENDA DE AÇÃO E ESPERANÇA

21

A ciência como inflexão

26

Múltiplos conhecimentos

27

2

PROSPERIDADE EM ESCALA

35

Um mutirão pelas florestas

42

Pontes para uma economia de baixo carbono

43

3

CONECTAR PARA TRANSFORMAR

51

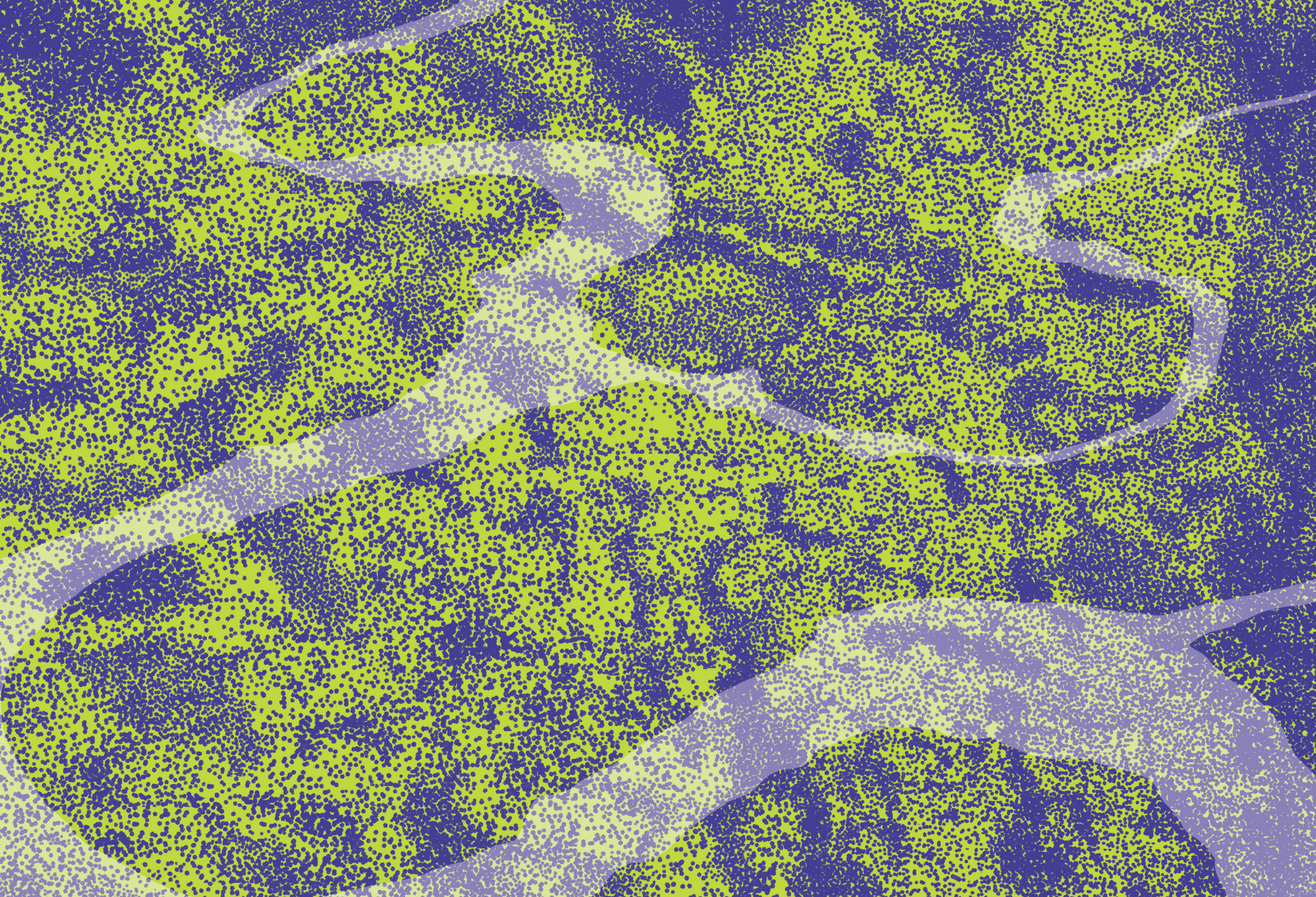
4

IMPACTO EM EXPANSÃO

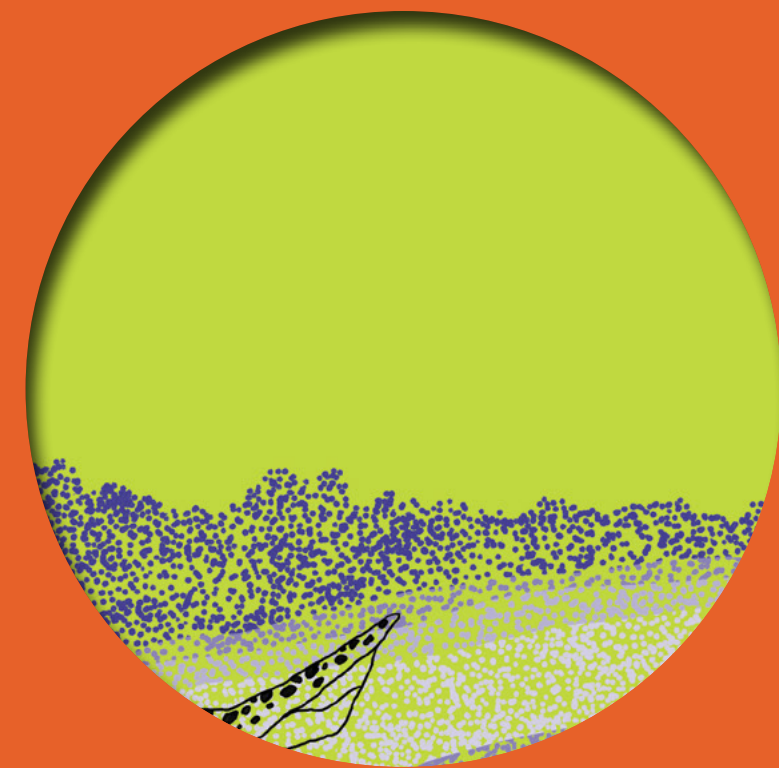
61

Balanço financeiro

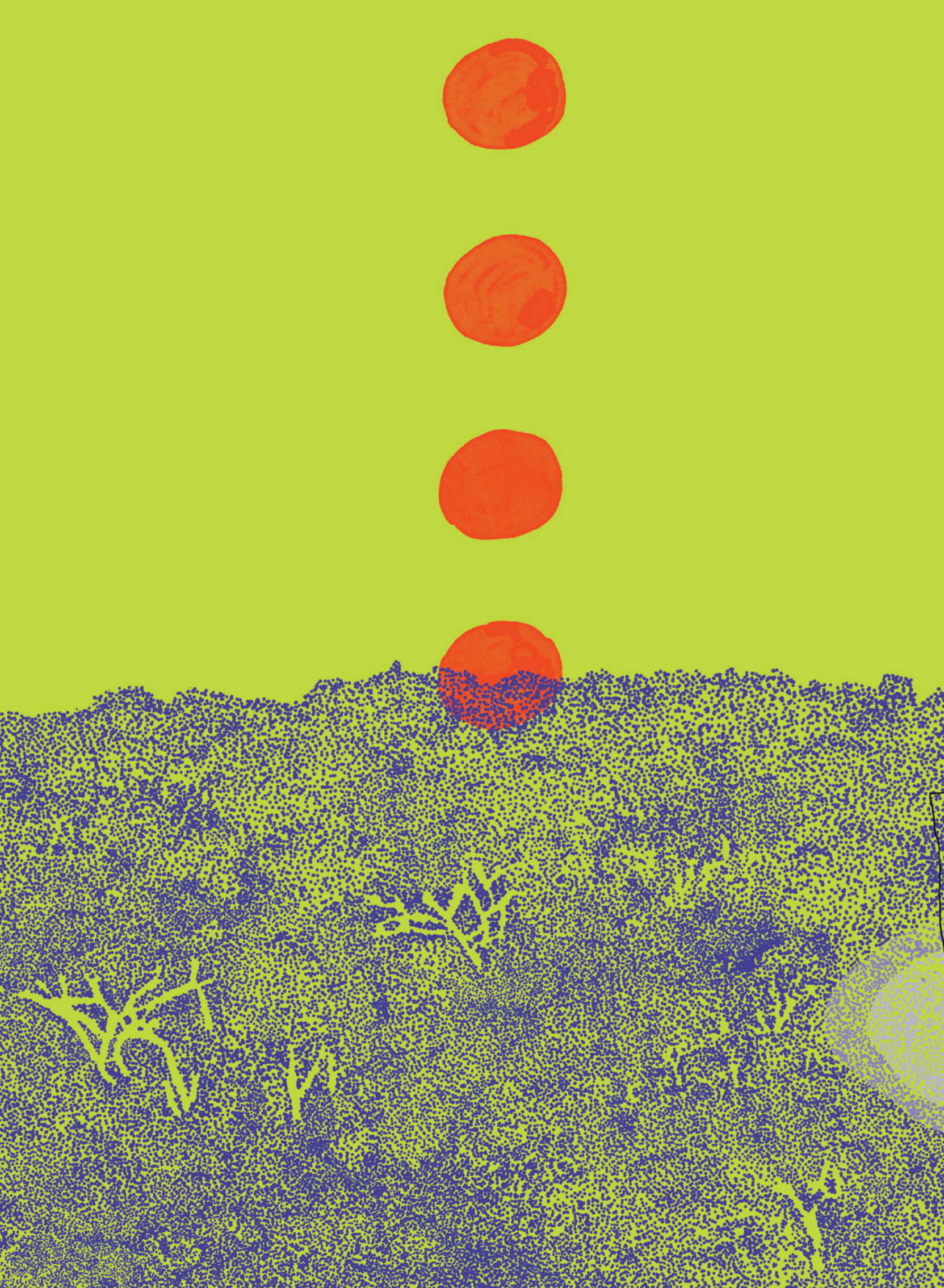
66

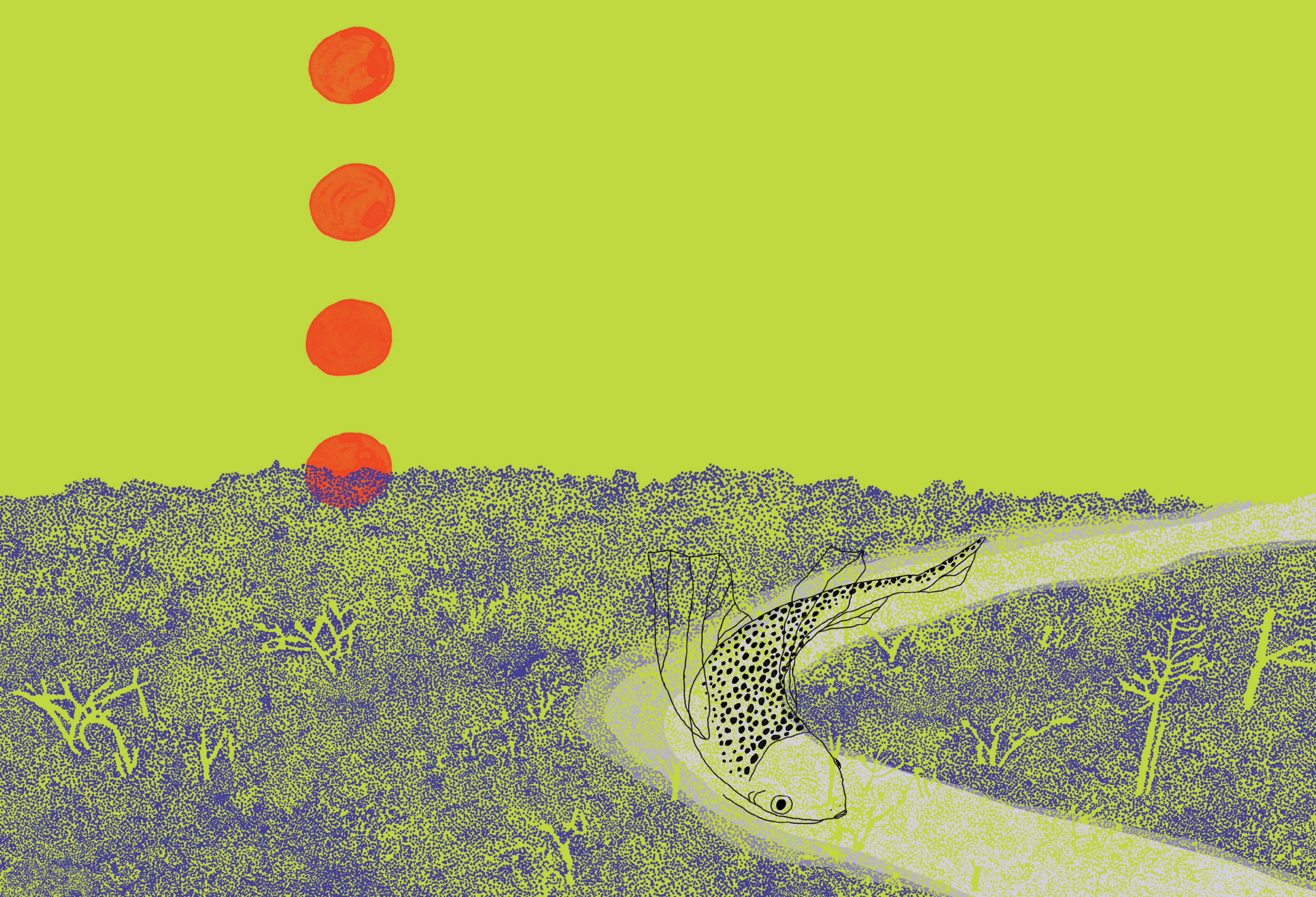


Capítulo 1



UMA AGENDA DE AÇÃO E ESPERANÇA





ACOP30 inaugurou uma nova fase na história da Conferência das Partes. Para além do simbolismo de ter ocorrido na maior floresta tropical do planeta, o que colocou a Amazônia em evidência, ela marca o início da chamada Agenda de Ação, com entregas concretas. Em um cenário de fragilidade do multilateralismo e de crescente urgência ambiental, a liderança da ação climática já não depende apenas da diplomacia internacional, mas da mobilização entre sociedade civil, setor privado, governos, academia e filantropias. Foi nesse contexto que o Instituto Arapyaú ampliou sua atuação e consolidou seu papel como *designer* e articulador de soluções.

Provocado pela presidência da COP30 a mapear soluções brasileiras, o Arapyaú assumiu a tarefa de dar visibilidade, no Brasil e no exterior, às respostas já existentes no país para as crises de clima e da perda de biodiversidade. Essa agenda ganhou forma com o lançamento do relatório *Soluções em Clima e Natureza do Brasil*, produzido com o Instituto Itaúsa, que reúne iniciativas nos setores de agricultura e pecuária, florestas, energia, economia circular, carbono e mineração.

Essa frente de atuação se desdobrou em outras. Uma delas foi a parceria com o *The Earthshot Prize*, premiação criada por Sua Alteza Real Príncipe William para acelerar soluções capazes de regenerar o planeta até 2030. A convite da organização do prêmio, que foi realizado pela primeira vez no Brasil em 2025, Arapyaú e Instituto Itaúsa tomaram a frente de mais uma curadoria e lançaram uma publicação que compila 26 iniciativas nacionais indicadas ao longo dos cinco anos do prêmio. Entregue aos convidados como um presente simbólico do Brasil ao mundo, o documento reforçou o protagonismo brasileiro em áreas que vão da restauração de biomas à inovação financeira para proteção ambiental.

Mais do que um inventário de boas práticas, essa é uma Agenda de Ação e esperança. Em vez de apenas soar o alarme diante do caos climático, o Arapyaú escolhe apontar caminhos possíveis. Ao dar visibilidade às soluções baseadas na natureza produzidas no Brasil, contribuimos para reforçar a ideia de que enfrentar a crise climática passa, necessariamente, por reconhecer, fortalecer e escalar aquilo que já está sendo construído no presente.

— Renata Piazzon, CEO do Instituto Arapyaú

Foi com esse otimismo que, durante a COP30, em Belém, o Arapyaú também atuou na articulação direta entre o setor privado, organizações da sociedade civil, academia, governos e outras filantropias. Essa capacidade de conexão, construída ao longo de 18 anos, permitiu respostas rápidas e colaborativas em torno de uma agenda de implementação, ancorada na ação coordenada.

Uma dessas respostas veio sob encomenda do embaixador André Corrêa do Lago, presidente da COP30, na construção conjunta do estudo *O protagonismo das florestas brasileiras na agenda climática global: um panorama com foco nos maiores biomas florestais e na silvicultura* — feito em parceria com o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS); Amazônia 2030; Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura; Imazon; Indústria Brasileira de Árvores (Ibá); Instituto Itaúsa e Uma Concertação pela Amazônia. O documento aponta caminhos para que as florestas brasileiras possam ser protagonistas na agenda climática e econômica global, desde que tratadas como ativos estratégicos, capazes de gerar valor ambiental, social e econômico. A projeção é de que o país possa ampliar sua cobertura florestal de 517 milhões para 525 milhões de hectares em dez anos, um ganho equivalente em área ao estado de Santa Catarina.

“A restauração florestal, nesse contexto, deixa de ser compreendida como um esforço compensatório. Ela passa a ser vista como um vetor de transformação territorial, capaz de articular clima, biodiversidade, produção de alimentos, geração de renda e inclusão social”, explica Roberto Waack, presidente do Conselho do Instituto Arapyaú.

CAS'AMAZONIA: ESPAÇO DE DIÁLOGO

Muitos desses diálogos aconteceram na Cas'Amazonia, no coração de Belém, um espaço colaborativo pensado e realizado em parceria com o Instituto Itaúsa e com a rede Uma Concertação pela Amazônia, que foi palco de valiosos debates, rodas de conversa, lançamento de publicações e realização de experiências em temas tão diversos como bioeconomia, sistemas agroalimentares, restauração florestal, ciência, educação e cultura. A casa reuniu diferentes perspectivas sobre a agenda climática para fortalecer redes, abrir espaços de escuta e proposições de caminhos para além da COP30.

A programação contou com a presença de nomes como o da economista e prêmio Nobel Esther Duflo, o executivo Paul Polman, referência global em liderança empresarial sustentável, os cientistas Carlos Nobre, Paulo Artaxo e Thelma Krug, entre outros, além de empresários como Guilherme Leal, cofundador da Natura e da Dengo.

Como legado para Belém, o instituto foi parceiro técnico na criação do Parque de Bioeconomia e Inovação da Amazônia, complexo estadual conectado às startups sustentáveis fomentadas pela Jornada Amazônia. Instalado em armazéns revitalizados da área portuária, o espaço é dedicado a transformar a biodiversidade da região em soluções econômicas sustentáveis e reúne laboratórios, áreas de pesquisa, *coworkings*, incubadoras e ambientes de conexão entre cientistas, empreendedores, comunidades tradicionais e investidores. A proposta é integrar conhecimento científico e saberes da floresta para desenvolver produtos e tecnologias a partir de ativos amazônicos, como alimentos, cosméticos e insumos farmacêuticos, criando um ecossistema voltado à inovação e ao uso sustentável dos recursos naturais.

Essa iniciativa posiciona Belém e o Pará no centro da agenda global da bioeconomia, especialmente no contexto da conferência climática da ONU. Além de ter funcionado como vitrine internacional durante a COP30, o Parque busca consolidar um legado duradouro, estimulando novos negócios, atraindo investimentos e gerando emprego e renda na região.

A ciência como inflexão

A edição da COP realizada em Belém trouxe uma inovação: o primeiro Pavilhão de Ciências Planetárias em uma conferência do clima da ONU. Com mandato oficial da presidência da COP, e em um cenário internacional marcado por tensões geopolíticas, crise do multilateralismo e negacionismo climático, o pavilhão reafirmou que a ciência precisa ocupar o centro dos processos de decisão — e que ignorá-la pode ter custos humanos e econômicos elevados. A iniciativa foi uma co-realização do Instituto Arapyaú, *Planetary Guardians* e *Potsdam Institute for Climate Impact Research*. O espaço foi liderado por dois dos principais cientistas climáticos no mundo, o brasileiro Carlos Nobre (Painel Científico para a Amazônia) e o sueco Johan Rockström (*Potsdam Institute for Climate Impact Research*).

Ao longo das duas semanas, o pavilhão operou como um lugar de apoio direto às negociações, com suporte qualificado ao debate, checagem e esclarecimento científico de temas sensíveis. Uma das bandeiras centrais foi a defesa da eliminação progressiva de combustíveis fósseis e a aceleração da descarbonização, sendo necessário construir caminhos sólidos, com metas, marcos e instrumentos para tornar a transição energética mais rápida e justa. As declarações produzidas pelos cientistas reforçam a necessidade da elaboração de um Mapa do Caminho para a transição energética, com a expectativa de avançarem em propostas nos encontros internacionais que ocorrerão no decorrer de 2026.

A interface entre ciência e negociações climáticas, destacada no pavilhão, colocou a ciência planetária no centro do debate ao estabelecer

frameworks para a integração clima-natureza-pessoas. Além disso, os debates no espaço também destacaram o conceito de *positive tipping points*, mudanças benéficas causadas por pequenas intervenções, como a restauração de florestas, expansão de modelos sociobioeconômicos e o fortalecimento da governança comunitária em biomas ameaçados.

Para o Arapyaú, o impacto do pavilhão vai além de Belém. A iniciativa consolidou o instituto como articulador relevante no campo internacional da filantropia climática e da ciência aplicada à política pública.

O que emerge da experiência em Belém é um formato de atuação contínua. O Pavilhão de Ciências Planetárias, pensado para manter a ciência planetária no centro da tomada de decisão para a ação climática, não será uma iniciativa isolada, mas um processo permanente até a COP31, na Turquia.

Múltiplos conhecimentos

Não pode haver soluções climáticas eficazes sem territórios protegidos, direitos garantidos e financiamento adequado para aqueles que vivem e cuidam dos biomas críticos do planeta.

A governança científica, estruturada com rigor e multidisciplinaridade, foi outro ponto de destaque da iniciativa. Um comitê científico multidisciplinar, composto por especialistas de diferentes regiões e instituições, foi responsável pela curadoria da agenda, validação de conteúdos, integração de saberes tradicionais e coordenação da interface ciência-política. Fizeram parte do comitê cientistas como Marina Hirota (Instituto Serrapilheira), Thelma Krug (IPCC), Paulo Artaxo (USP), Francisco Costa (UFPA), Adalberto Val (INPA), os já citados Carlos Nobre (Painel Científico para a Amazônia) e Johan Rockström (*Potsdam Institute for Climate Impact Research*), entre outros.

Com o pavilhão, o Arapyaú contribuiu para reposicionar a ciência no campo global, trazendo atores de diferentes setores em prol de uma agenda única.

— Renata Piazzon, CEO do Instituto Arapyaú

Essa estrutura garantiu a excelência científica, diversidade disciplinar e representatividade regional, permitindo que os conteúdos científicos fossem traduzidos em recomendações práticas e estratégicas para os tomadores de decisão.

O pavilhão também contribuiu para conectar as negociações internacionais aos territórios e cidades que já vivem as consequências do alcance aos limites planetários, evidenciando que clima e natureza não podem ser tratados de forma separada. Isso também se revela na abordagem de justiça, direitos e saúde, temas que frequentemente nos lembram que impactos climáticos não são distribuídos de forma neutra: há desigualdades históricas e estruturas de vulnerabilidade que amplificam os danos.

A presença e o impacto do pavilhão se refletiram também fora das salas de debate da COP30. A repercussão foi registrada em veículos como *Estadão*, *Jornal Nacional*, *Piauí*, *G1*, *CNN*, *Folha de S. Paulo*, *Forbes*, *The Observer*, entre outros.

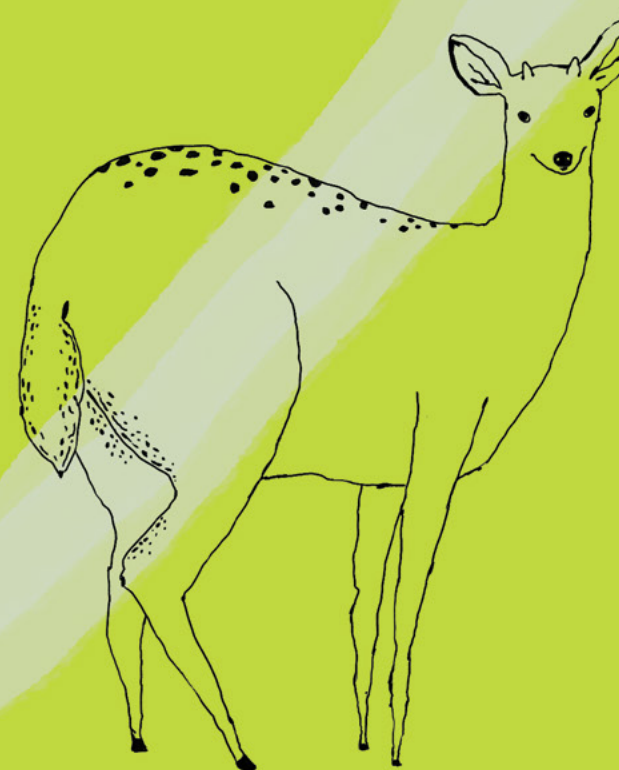
Isso ajudou a amplificar as mensagens propostas e reforçou um ponto político: quando a ciência ocupa esses espaços e se comunica de forma acessível, ela fortalece a confiança social e reduz o terreno da desinformação.

Pela primeira vez em 30 COPs, a presidência fez um convite para uma integração total entre ciência e negociações. Estamos no limite, por isso precisamos pensar em soluções baseadas na natureza e antecipar os pontos de inflexão dos biomas para prevenir, mitigar e nos adaptar.

— Carlos Nobre, Painel Científico para a Amazônia

A comunidade científica está mais preocupada do que antes. O planeta está mostrando os primeiros sinais de amortecimento e resfriamento — estamos nos aproximando de pontos de inflexão. Não há chance de termos um futuro sem pensar nos sistemas que equilibram o clima, o que inclui a Amazônia.

— Johan Rockström, *Potsdam Institute for Climate Impact Research*



FORAM
65

**ENTREVISTAS REALIZADAS
COM CIENTISTAS,
LÍDERES GLOBAIS E
LOCAIS, E FORMULADORES
DE POLÍTICAS**

Acreditamos no princípio de que a ciência é o desvelar de um mistério, e que toda ciência é, em si, um mistério. A cada vez que nos aprofundamos, em busca de respostas, é uma ciência que se retroalimenta. O que buscamos, portanto, é empoderar a população, informá-la sobre leis e direitos, e incentivar as comunidades a produzirem suas próprias ferramentas e conhecimentos. As ciências tradicionais e a ciência ocidental são complementares. É necessário considerar os conhecimentos produzidos em outros espaços e ecossistemas.

— Cristiane Julião Pankará, liderança indígena



MAIS DE
758

**ARTIGOS PUBLICADOS
CITANDO O PAVILHÃO**

Os melhores cientistas de todos são os povos indígenas que mantêm isso vivo. Esta é a primeira vez que estamos discutindo ciência durante as negociações. Precisamos que os povos indígenas lembrem aos negociadores quem eles são e no que estão trabalhando.

— Hindou Ibrahim Oumarou, ativista ambiental e geógrafa

184M

DE PESSOAS
ALCANÇADAS



O Brasil é um dos países mais vulneráveis às mudanças climáticas. As mudanças climáticas terão um impacto enorme sobre nossa economia, sociedade, ecossistemas e a saúde das pessoas. Precisamos responder às demandas da sociedade na ciência o mais rapidamente possível, oferecendo caminhos para a sustentabilidade no Brasil.

— Paulo Artaxo, Universidade de São Paulo (USP)

A gente vê muita desinformação na mídia, e isso chama a atenção dos cientistas. Não podemos perder a esperança — precisamos fortalecer a comunicação, fazer um mutirão, com todos juntos, em um compromisso coletivo. De fato, temos uma alta probabilidade de ultrapassar os limites, mas prefiro dizer que isso será temporário, e é nisso que coloco esperança e confiança. Precisamos reduzir gradualmente e, depois, eliminar na transição energética.

— Thelma Krug, *The Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC)*



MAIS DE

313

PUBLICAÇÕES EM
REDES SOCIAIS



Capítulo 2



PROSPERIDADE EM ESCALA





açaí se consolidou como símbolo da Amazônia, com o Brasil, liderado pelo Pará, sendo o maior produtor mundial. Entre 2017 e 2022, a produção nacional do fruto cresceu cerca de 70%, com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A riqueza da floresta vai, no entanto, muito além desse fruto. O babaçu, por exemplo, desponta como alternativa ao corante usado em refrigerantes e molhos, a farinha de pupunha começa a substituir a farinha de trigo, com a vantagem de maior valor nutricional. Entre os peixes, o mapará se destaca por lembrar a sardinha, mas com sabor que o aproxima da enguia. E o cumaru, árvore de grande porte, tem conquistado notoriedade por oferecer sementes que podem substituir a baunilha, com custo mais acessível.

Esses são apenas alguns dos 46 ingredientes amazônicos mapeados pelo projeto Tucumã, iniciativa do Instituto Arapyaú, que visa conectar produtos e produtores dos biomas brasileiros, começando pelo amazônico, ao mercado de alimentos e, assim, promover maior diversidade socioambiental e alimentar, o fortalecimento de empreendedores e agroindústrias locais, e promover o ganho de escala das cadeias da bioeconomia. Iniciado em 2024, o projeto concluiu sua primeira etapa em 2025, junto com o Grupo Trigo, parceria registrada na publicação *Amazônia de Boca a Boca — Ingredientes, Gentes e Florestas*.

É a escala associada à inovação nos usos dos ingredientes e a novos ou mais eficientes modelos de negócio, que vão ajudar a firmar a bioeconomia como a solução para conservar e regenerar os biomas. É por meio desse “boca a boca”, por exemplo, que a castanha vinda da RECA, cooperativa de Porto Velho (RO), pode chegar à mesa de mais pessoas.

Além da pesquisa de ingredientes, o projeto conecta oferta e demanda por meio do fomento de cadeias produtivas, estimula ao empreendedorismo local, apoia a pesquisa e o desenvolvimento e estruturação de redes de fornecedores capazes de entregar esses produtos em escala.

A missão é ajudar a conectar nossos biomas com os consumidores finais. Quem produz de forma sustentável com quem pode ajudar a levar as culturas e cadeias para outras partes do Brasil e do mundo.

— Vinicius Ahmar, diretor programático do Instituto Arapyaú



“A estratégia também prevê um efeito de demonstração: ao testar e consolidar esse modelo, o Tucumã pode inspirar outros atores do setor privado a adotarem práticas semelhantes, ampliando o mercado para produtos da sociobiodiversidade e fortalecendo um ecossistema econômico mais inclusivo e sustentável”, diz Ahmar.

A articulação do Arapyáú com o mercado se dá também em nível setorial. É o caso do movimento Cacau Brasileiro — Gente, Floresta e Cultura, lançado em março de 2025, fruto de uma parceria entre a Associação das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC), a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Cacau e Sistemas Agroflorestais, o Centro de Inovação do Cacau (CIC), o CocoaAction Brasil e a Federação da Agricultura do Estado da Bahia (FAEB). A iniciativa pretende promover o produto nacional em mercados estratégicos, com foco nos Estados Unidos e na Europa, a meta é tornar o Brasil uma referência global em produção de cacau sustentável, rastreado e de qualidade, e também ser exportador da matéria-prima até 2030.

No Brasil, aproximadamente 70% da produção nacional tem origem agroflorestal, modelo no qual o cacau é cultivado integrado com outras espécies florestais e/ou frutíferas. Além disso, no Brasil, o fruto é produzido principalmente por agricultores familiares e em pequenas propriedades. Essas práticas agrícolas mitigam as mudanças climáticas, conservam a biodiversidade e geram prosperidade econômica.

Para apoiar esses agricultores, o Arapyáú lançou, em parceria com a Violet, a Tabôa — Fortalecimento Comunitário e a MOV Investimentos, o fundo Kawá, que promove o acesso a crédito aliado à assistência técnica para cacauicultores familiares e de pequenas propriedades, que adotam o cultivo agroflorestal no sul da Bahia e no Pará.

O Kawá vem ampliando suas operações junto a produtores no Pará e na Bahia e possui um potencial de impactar muito mais. “Uma das frentes do Kawá é a construção de alianças estratégicas e a geração de conhecimento, com relacionamento com o setor público para alavancar tanto o acesso a recursos públicos com condições mais favoráveis, como para promoção de outras soluções de assistência técnica ou ações de regularização fundiária, por exemplo”, diz Vinicius Ahmar.

O cacau não é apenas uma *commodity*, mas, sim, uma solução climática quando associada ao modelo agroflorestal.

— Ricardo Gomes, diretor programático do Instituto Arapyáú



A expectativa é que o histórico de operações do fundo possa apoiar a tomada de decisão de atores públicos e privados para expandir a oferta de recursos e facilitar o acesso a produtores. Ainda, o sucesso da iniciativa e seu modelo de operação têm grande potencial de ampliar o escopo para atender outras cadeias da bioeconomia, bem como influenciar o nascimento de iniciativas que promovam maior acesso a recursos para produtores da bioeconomia.

Um mutirão pelas florestas

Ao conectar setor privado, academia, governos e organizações da sociedade civil o Arapyá também tem contribuído para transformar a restauração florestal em um campo estruturado, com visão de longo prazo e capacidade de impacto sistêmico. Se antes a narrativa ambiental era dominada pelo desmatamento e pela perda, hoje outra história tem ganhado força: as florestas em pé são ferramentas de desenvolvimento e a restauração é uma atividade que gera impacto econômico.

Essa virada de perspectiva se sustenta em evidências. O estudo *O Protagonismo das Florestas Brasileiras na Agenda Climática Global*, desenvolvido em uma parceria entre o Arapyá; o Instituto Itaúsa; a Indústria Brasileira de Árvores (Ibá); a Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura; a Imazon; Amazônia 2030; o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS); Uma Concertação pela Amazônia e Página 22, entregue à presidência da COP30, demonstra que o Brasil pode ampliar sua cobertura florestal de 517 milhões para 525 milhões de hectares em uma década, combinando conservação, restauração e produção, transformando as florestas em ativos estratégicos capazes de gerar valor ambiental, social e econômico.

O Brasil reúne as condições para liderar uma nova economia baseada em florestas sustentáveis e tratá-las como infraestrutura natural é uma das chaves para enfrentar a crise climática e impulsionar o desenvolvimento.

— Roberto Waack, presidente do Conselho do Instituto Arapyá

Para transformar essa visão em realidade, o Arapyá exerce, mais uma vez, o papel de conector entre diferentes setores, criando pontes entre interesses diversos e promovendo convergências em torno de uma agenda comum.

Assim também nasceu o movimento Floraz, que reúne 27 organizações do setor privado e financeiro em um ambiente pré-competitivo, voltado à construção de referências comuns para o setor. O movimento atua por meio da colaboração estratégica compartilhando conhecimento, práticas e investimentos que tornam o setor mais eficiente, transparente e escalável.

Ao mesmo tempo, o instituto atua para aproximar a agenda florestal dos campos das finanças e das políticas públicas, reconhecendo que a transformação estrutural desse setor depende da criação de incentivos, instrumentos e marcos institucionais que permitam escalar essas iniciativas.

Pontes para uma economia de baixo carbono

Desde sua origem, o Instituto Arapyá parte do princípio de que mudanças sistêmicas passam também por políticas públicas. Nesse sentido, a filantropia pode atuar como espaço de experimentação, capaz de desenvolver e provar modelos que posteriormente venham a inspirar políticas nacionais.

Em 2025, o instituto estreitou diálogos com diferentes esferas de governo para alavancar uma economia baseada na natureza, tendo participação direta na construção do Plano Nacional de Desenvolvimento da Bioeconomia (PNDBio), iniciativa do Governo Federal que norteia as ações, metas e objetivos visando transformar a biodiversidade brasileira em motor de desenvolvimento econômico apoiado na floresta de pé.

Nesse arranjo, coube ao instituto, graças à sua atuação direta em territórios como o sul da Bahia e a Amazônia, garantir que a política ganhasse materialidade.

O Arapyá liderou a conceituação dos Núcleos de Desenvolvimento da Sociobioeconomia — redes territoriais multi-atores pensadas para organizar cadeias produtivas, atrair investimentos e impulsionar negócios comunitários sustentáveis em diferentes biomas do país. Esse trabalho incluiu a definição de critérios de priorização de territórios e coordenação de processos de escuta local com comunidades, organizações e empreendedores. “Esse trabalho é um exemplo de como podemos levar nossas experiências práticas ao nível nacional, ajudando a traduzir aprendizados locais em diretrizes de política pública”, resume Vinicius Ahmar.

Além de ampliar a visibilidade e a legitimidade da agenda da sociobioeconomia, o PNDBio cria condições para que novos investimentos e iniciativas ganhem escala. Os núcleos são precisamente um dos principais legados desse processo: com governança local e foco em cadeias produtivas, essas redes multissetoriais devem impulsionar negócios comunitários, fortalecer redes de compradores e fornecedores, e gerar renda a partir das vocações locais, contribuindo para a conservação da biodiversidade.

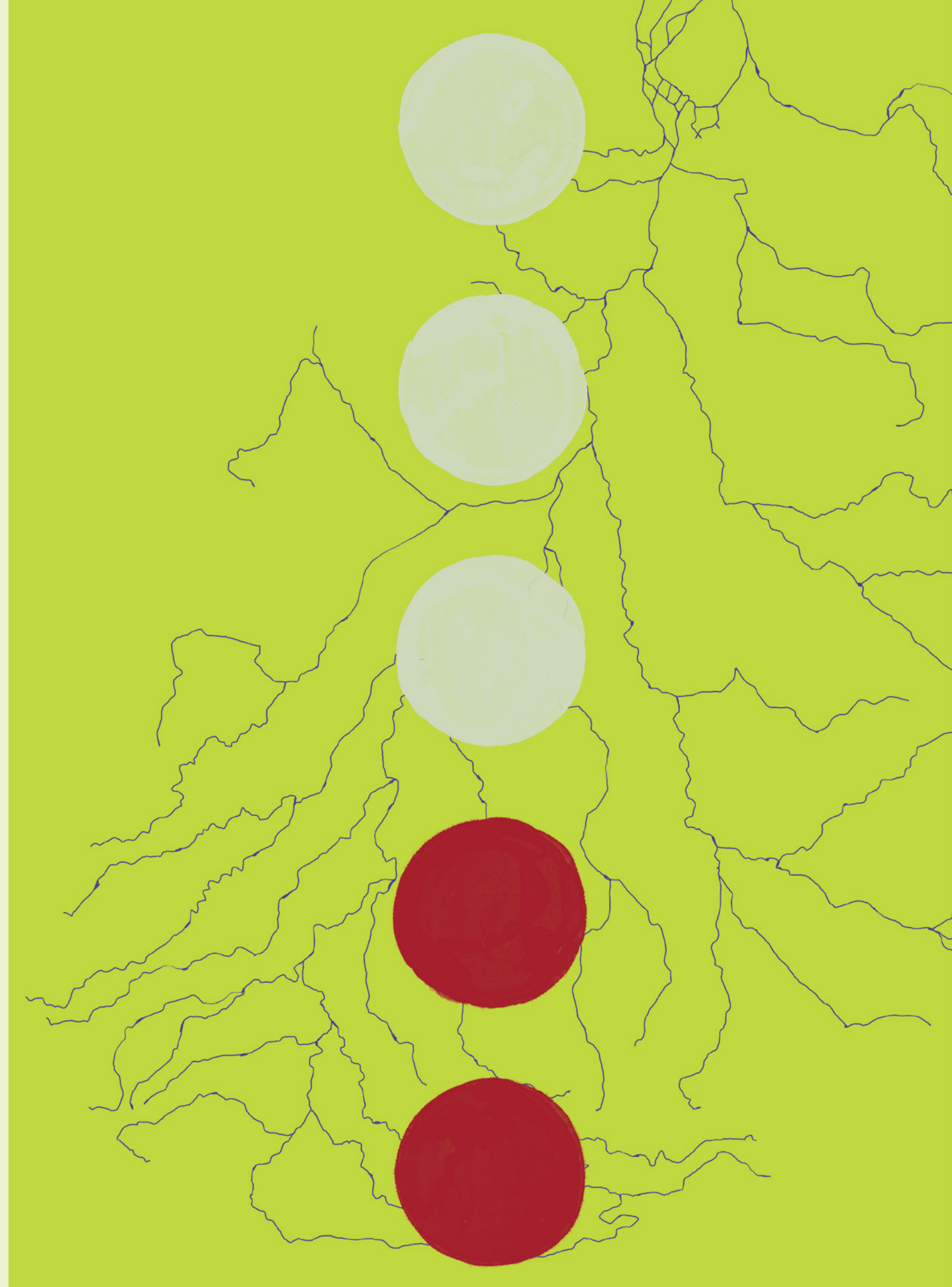
Ao articular atores, sistematizar conhecimento e conectar experiências territoriais a agendas nacionais, o Arapyáú reforça seu papel de ponte, aproximando comunidades, iniciativa privada e políticas públicas em torno do objetivo de promover desenvolvimento com conservação e inclusão social.

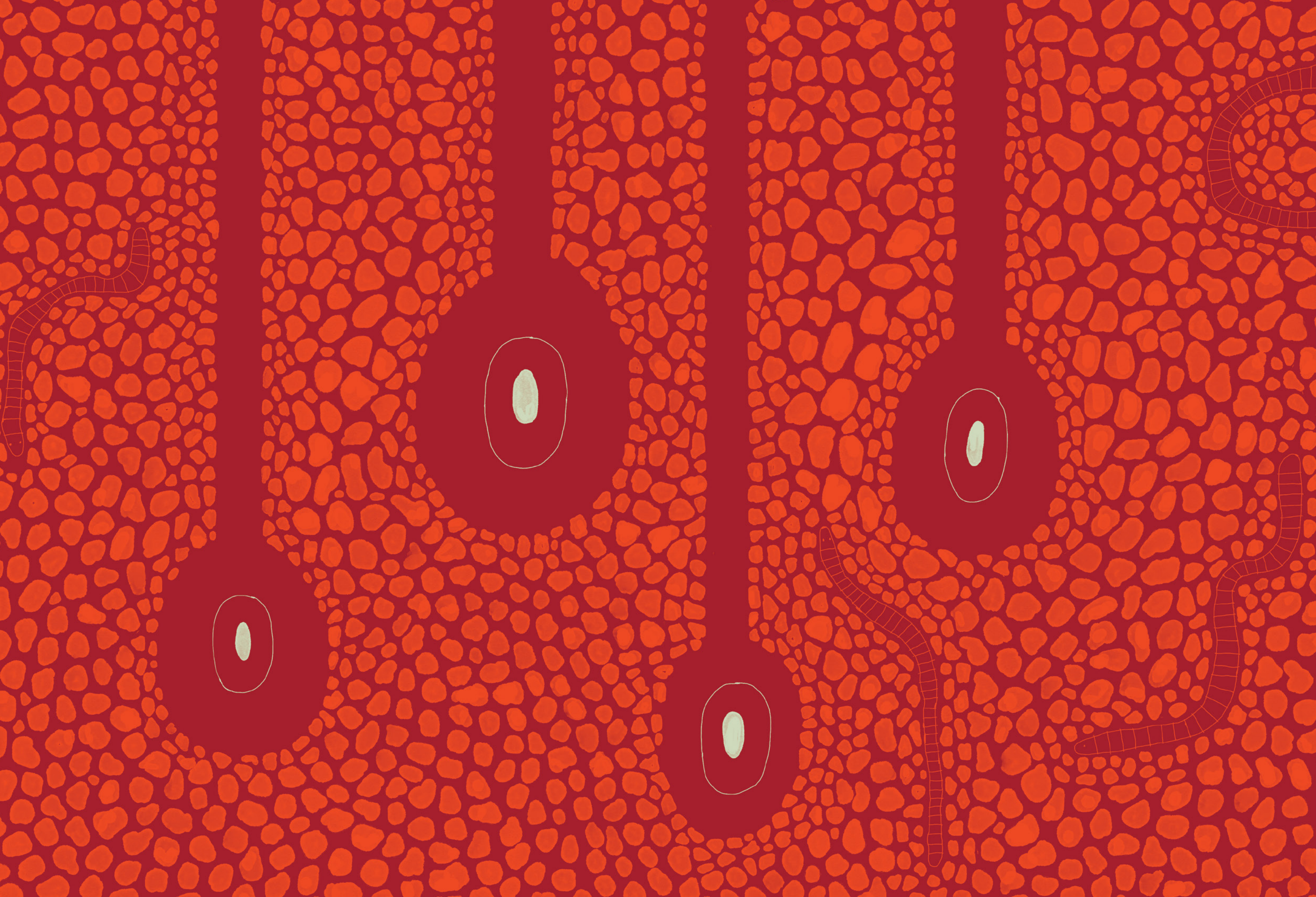
MERIDIANA — INTELIGÊNCIA POLÍTICA CAPAZ DE ALIAR PESSOAS, ECONOMIA E NATUREZA

Em 2025 nasce a Meridiana, uma organização brasileira de inteligência política que apoia tomadores de decisão na conexão entre natureza e desenvolvimento econômico, apoiada pelo Instituto Arapyáú.

Ao buscar convergências políticas possíveis em torno de soluções estratégicas para o país, Meridiana conecta diferentes visões e qualifica o debate público em prol do desenvolvimento socioeconômico do Brasil aliado à economia de baixo carbono. A organização promove espaços de encontro e construção de consensos entre setores que historicamente dialogam pouco entre si, como ambientalistas, setor produtivo, academia e formuladores de políticas, além de produzir conhecimento para o aprimoramento e construção de políticas em áreas estratégicas como segurança energética, mineral, climática, entre outras.

“Precisamos lidar com temas da economia de baixo carbono a partir da perspectiva de desenvolvimento econômico. E, para isso, é fundamental aproximar políticos, setor privado e ciência”, defende Mônica Sodré, CEO da Meridiana.







Capítulo 3



**CONECTAR PARA
TRANSFORMAR**





Como enfrentar desafios complexos, como a crise climática, as desigualdades sociais e a urgência de novos modelos de desenvolvimento, de forma sistêmica e duradoura? Para o Arapyáú, a resposta a essa pergunta passa pelo trabalho de fomento e incubação de redes. É por meio de redes que o instituto conecta pessoas, organizações e territórios em torno de propósitos comuns, criando ambientes de cooperação. Longe da lógica hierárquica tradicional, as redes se estruturam de modo horizontal, distribuindo responsabilidades entre os diversos atores que as compõem, como: comunidades locais, organizações da sociedade civil, institutos filantrópicos, governos, empresas e academia.

Nessa jornada, um dos destaques de 2025 foi o fortalecimento e o aumento de escala da rede Conexão Povos da Floresta, que tem como objetivo conectar em rede, através de internet banda larga, de forma segura e consciente, comunidades indígenas, quilombolas, extrativistas e ribeirinhas na Amazônia. Só esse ano, a iniciativa levou internet a mais 706 comunidades, totalizando 2.106 populações conectadas, mais de 56 mil usuários cadastrados e mais de 178 mil pessoas beneficiadas.

“Para além da conexão ao mundo digital, a rede olha para aspectos como saúde, educação, empreendedorismo, proteção territorial e cultura”, acrescenta Livia Pagotto, diretora institucional do Arapyáú. Foi em função dessa perspectiva, por exemplo, que comunidades indígenas aderiram ao serviço. “No encontro que fizemos em agosto, pudemos explicar melhor como funciona e gerar mais confiança. Após a 1ª Formação Presencial de Sabedoria Digital, passamos de 200 para 400 comunidades com melhor acesso à saúde e encerramos o ano com 500 comunidades cadastradas, consolidando a iniciativa como uma importante ferramenta de ampliação desse acesso em territórios remotos”, diz Débora Passos, diretora de estratégia e governança do Instituto Arapyáú.

Fazer em conjunto, conectando pessoas, é o DNA do Arapyáú. Queremos mostrar cada vez mais para o campo filantrópico que vale a pena apoiar redes com capital e outros recursos, como suporte técnico.

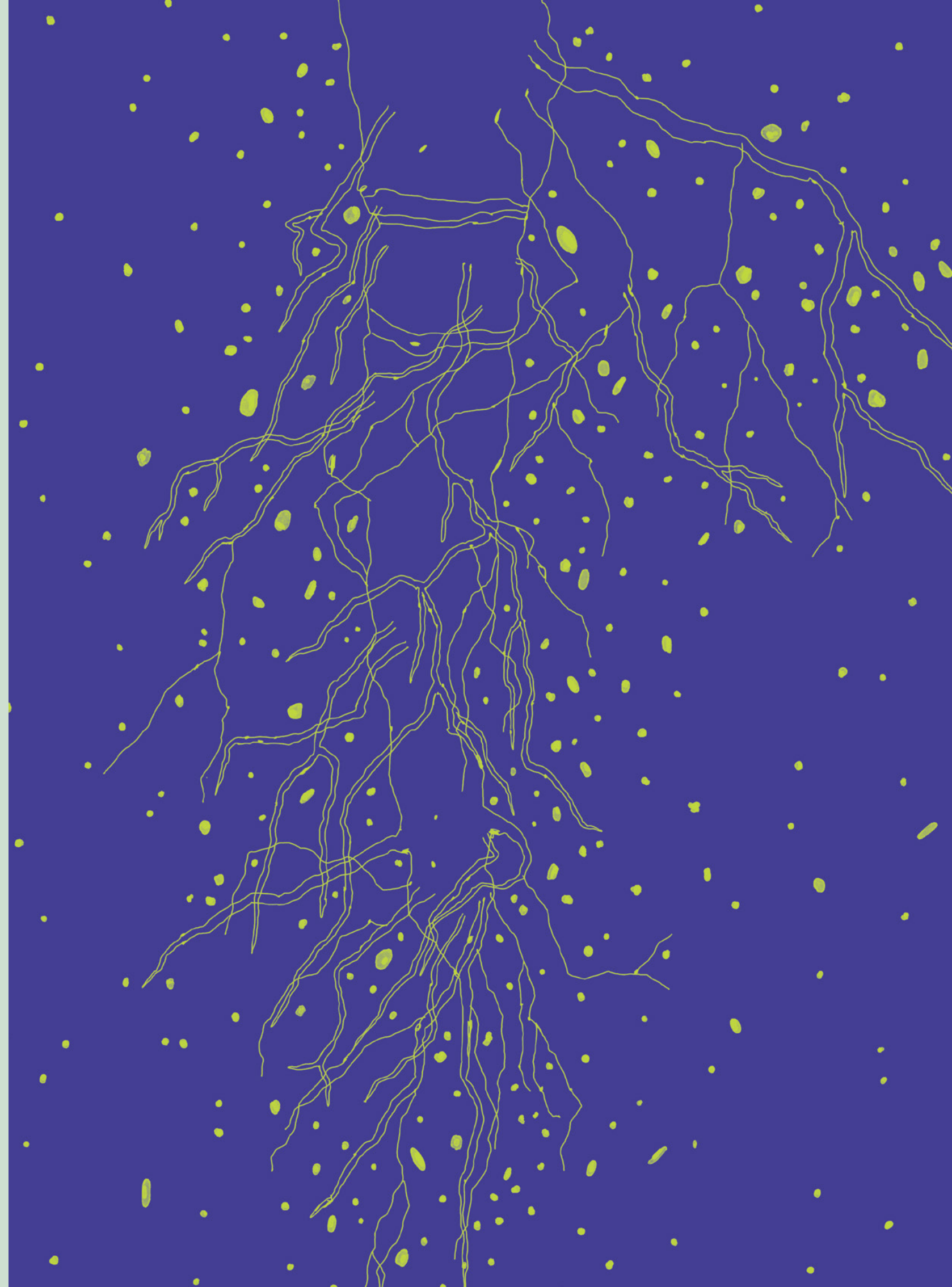
— Livia Pagotto, diretora institucional do Instituto Arapyáú

Outra atuação que vale ressaltar foi a do MapBiomas, rede colaborativa que, há uma década, revolucionou o acesso a informações sobre cobertura e uso da terra no Brasil, ao integrar ciência, tecnologia aberta e cooperação entre universidades, ONGs e empresas de tecnologia. Incubada pelo Arapyaú em 2017, a iniciativa ampliou a transparência e fortaleceu a capacidade de monitoramento ambiental, tornando-se referência nacional e internacional em 17 países.

Em 2024, o MapBiomas foi selecionado pelo *The Audacious Project*, iniciativa global ligada ao TED, para receber cerca de US\$ 75 milhões em financiamento internacional, com a meta de mapear até 70% das florestas tropicais do mundo até 2030, chegando a nações da África, da América Central e da Ásia, como República Democrática do Congo, México e Índia. A estratégia prioriza a formação de redes locais em cada país, garantindo transferência de tecnologia e autonomia para que instituições nacionais liderem a produção e o uso dos dados sobre seus territórios.

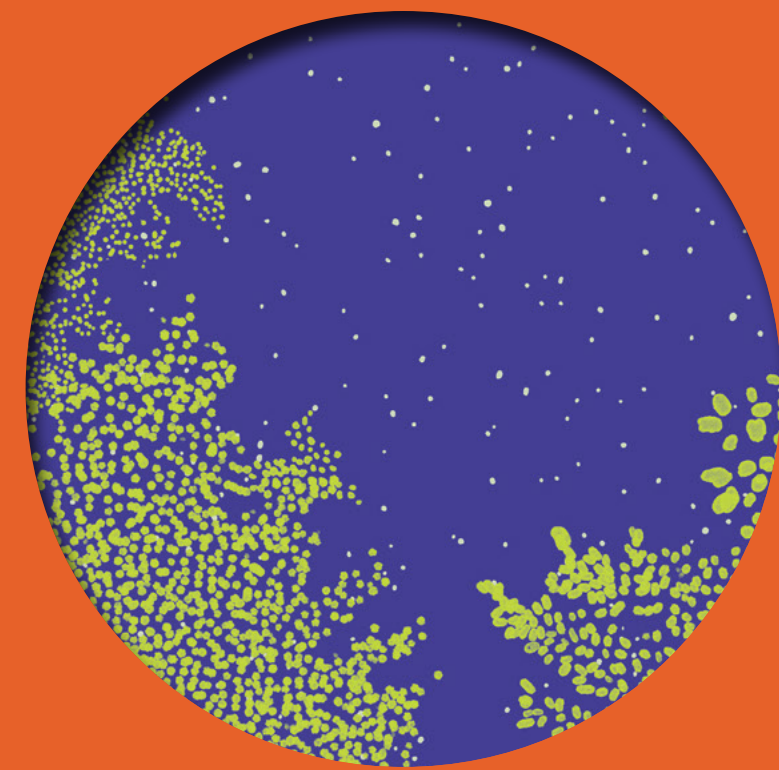
O MapBiomas é um dos maiores exemplos da abordagem de articulação sistêmica do Instituto Arapyaú, incubando redes que, posteriormente, seguem com autonomia e promovendo transformações e soluções concretas em clima, política e desenvolvimento.

— Renata Piazzon, CEO do Instituto Arapyaú

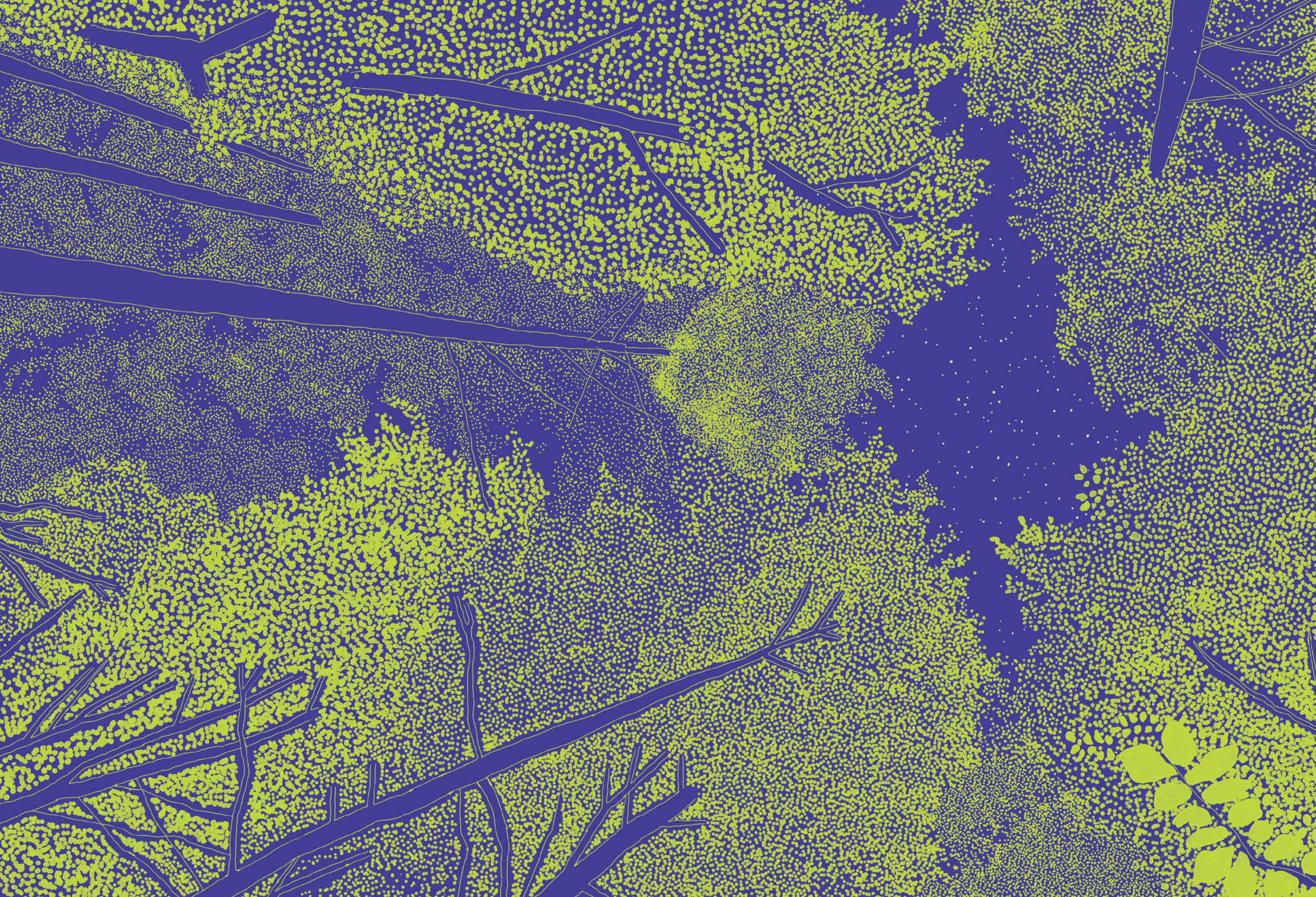




Capítulo 4



**IMPACTO EM
EXPANSÃO**





ano de 2025 exigiu do Instituto Arapyá também um olhar para dentro. O aumento dos recursos aportados por parceiros em projetos e organizações trouxeram para o instituto a oportunidade de fortalecer sua governança.

Para consolidar essa etapa o Arapyá passou por uma reestruturação interna. Foram desenhadas as diretorias Institucional, Programática, e de Estratégia e Governança, cujas equipes passaram a atuar de maneira mais transversal, com uma visão mais sistêmica dos impactos relacionados à estratégia organizacional. “Reforçamos a integração entre as áreas de conhecimento, cooperação internacional, parcerias e comunicação. Foi o que nos permitiu realizar tantos projetos e eventos no ano, além de fazer várias publicações”, celebra Lívia Pagotto, diretora institucional.

Essa integração também se refletiu na gestão de pessoas, com a realização de um censo interno e de formação de lideranças e de suas equipes em diversidade e inclusão. “Um passo importante foi a construção da nossa Política de Diversidade e Inclusão, que está em fase de revisão final para ser implementada em 2026”, conta Erica Dias, coordenadora de RH e administrativo.

Com o objetivo de avançar nessa agenda, o Arapyá firma seu compromisso em oferecer exclusivamente vagas afirmativas e inclusivas com recortes raciais, territoriais, de gênero e sexualidade em todos os seus territórios de atuação. “100% das oportunidades CLT serão afirmativas e pelo menos 40% das contratações de prestadores de serviços também”, afirma Dias.

Essas mudanças refletem o esforço do instituto em alinhar estratégia, transparência e impacto socioambiental, preparando o terreno para ampliar parcerias, mobilizar novos recursos e aprofundar sua atuação nos territórios e agendas prioritárias nos próximos anos.



Balço financeiro

Em 2025, o Instituto Arapyaú executou ações no montante de R\$ 79 milhões (mais que o dobro do ano anterior, que totalizou R\$ 37 milhões). O instituto alavancou, com recursos aportados diretamente por investidores em projetos ou organizações estratégicas, R\$ 91 milhões, tendo influência relevante na conexão entre investidores e organizações.

Gestão: R\$ 79 milhões

Recursos investidos pelo Instituto Arapyaú ou provenientes de aportes realizados por outros investidores que compõem o orçamento anual do instituto.

Alavancado: R\$ 91 milhões

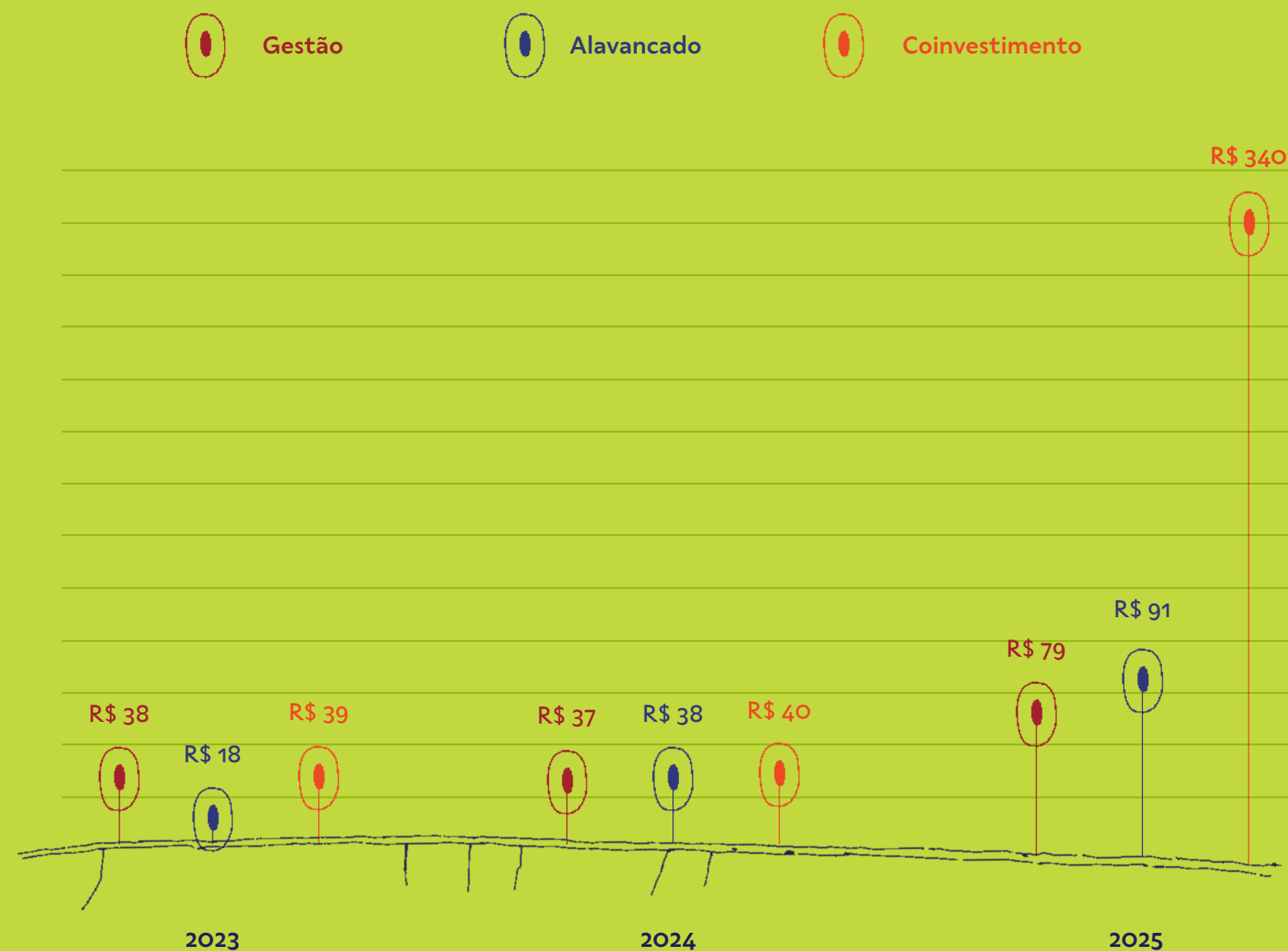
Recursos aportados diretamente por investidores em projetos ou organizações estratégicas, cuja mobilização contou com articulação ativa do Arapyaú. Enquadram-se aqui os casos em que a equipe teve influência relevante na conexão entre investidor e organizaçãõ, contribuindo para que o investimento fosse realizado, ainda que os recursos não tenham transitado pela gestão do instituto.

Coinvestimento: R\$ 340 milhões

Recursos destinados por investidores a projetos ou organizações alinhados às agendas estratégicas do Arapyaú, porém sem articulação direta da equipe do instituto na mobilização do aporte.

Histórico da Gestão de Recursos (em milhões)

	Gestão	Alavancado	Coinvestimento
2023	R\$ 38	R\$ 18	R\$ 39
2024	R\$ 37	R\$ 38	R\$ 40
2025	R\$ 79	R\$ 91	R\$ 340



Dados orçamento Arapyaú (em milhões)

Orçamento do Arapyaú em 2025 foi R\$ 69 milhões. Além do orçamento previsto durante o ano conseguimos novos apoios e com isso as ações em rede do Arapyaú movimentaram investimentos de mais de R\$ 79 milhões.

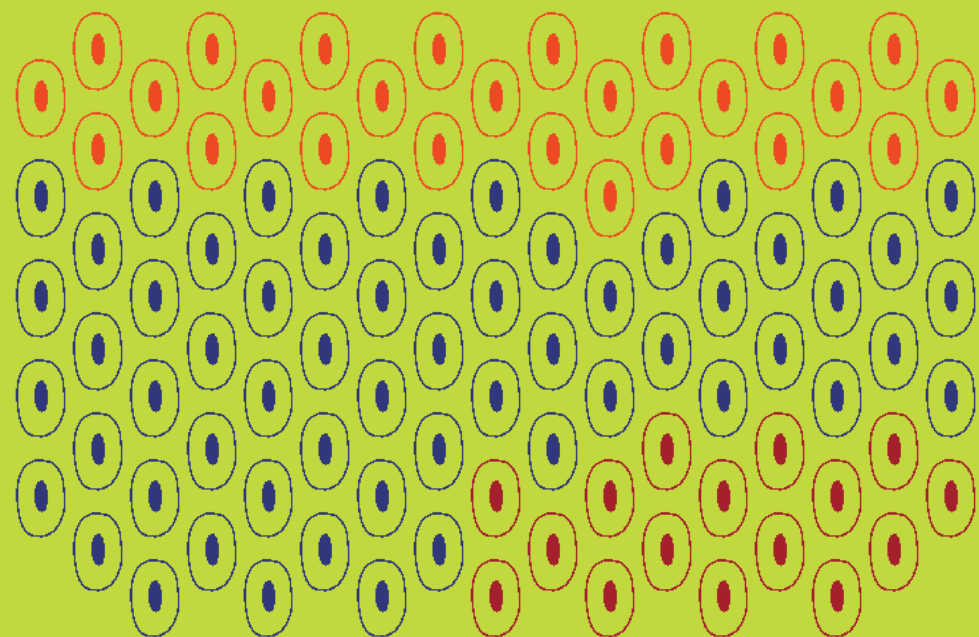


Distribuição dos recursos em projetos

58%

Iniciativas

Projetos conectados às frentes estratégicas do Instituto Arapyaú



26%

Áreas transversais

Projetos liderados pelas diferentes áreas para apoiar a estratégia institucional

16%

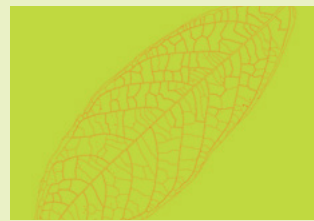
Redes

Projetos apoiados ou em incubação, que têm execução feita em redes

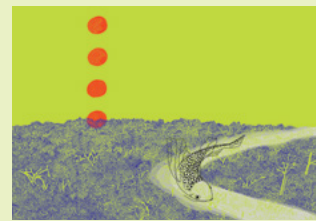




Glossário das ilustrações



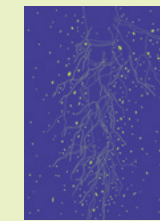
[PRIMEIRA CAPA]
Nervuras da folha de um cacauero (*Theobroma cacao*)



[pp. 16 e 19]
Nascer do sol, rio voador e peixe voador
Os chamados peixes-voadores pertencem à família *Exocoetidae* e vivem em mares tropicais e subtropicais.



[p. 37]
Inseto polinizador do cacau (gênero *Forcipomyia*) e flor do cacauero
As flores do cacauero são pequenas e delicadas. Nascem diretamente no tronco e nos galhos mais grossos (*cauliflora*).

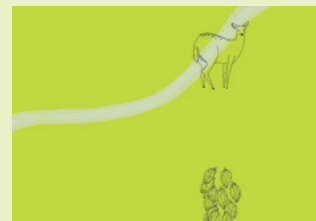


[p. 53]
Raízes do cacauero
Formam associações com fungos do solo (micorrizas), que aumentam a absorção de fósforo, melhoram a resistência a estresses e expandem a área de exploração radicular.



[VERSO DA CAPA]
Cutia (*Dasyprocta leporina*) com semente de cacau

[SEGUNDA CAPA]
Cacauero com frutos



[pp. 24–25]
Rio voador Veado mateiro Cacau



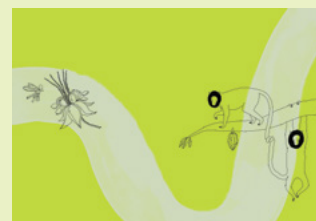
[pp. 40–41]
Germinação do cacauero
Ocorre em ambientes úmidos e sombreados. Em solos profundos e com grande acúmulo de serrapilheira.



[pp. 54–55]
Dispersão do cacau
Cutias (*Dasyprocta leporina*), veado mateiro (*Mazama americana*), paca (*Cuniculus paca*) e Queixada (*Tayassu pecari*) realizam a chamada dispersão secundária do cacau. Ela é fundamental para a regeneração natural, pois aumenta a distância da planta-mãe, reduz a predação e leva sementes a solos ricos em nutrientes.



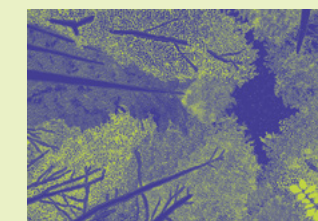
[pp. 2 e 4]
Sol, Gavião Carijó (*Rupornis magnirostris*) e Rio Voador



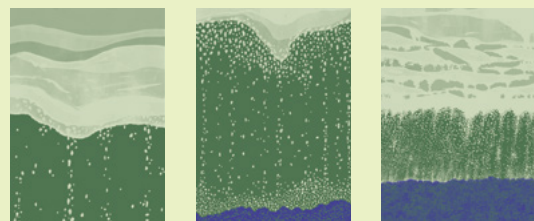
[pp. 26–27]
Inseto polinizador do cacau Flor do cacauero Macacos-prego



[p. 43]
Tempo e rios amazônicos



[pp. 56 e 59]
Dossel florestal



[pp. 7, 8 e 11]
Rios voadores
Detalhes rio voador



[pp. 28–29]
Copa das árvores, rio voador e peixe voador



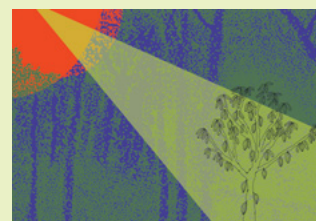
[pp. 44–45]
Sementes do cacauero enterradas sob serrapilheira



[pp. 60–61]
Dança da cutia dispersora do cacau
A cutia realiza a chamada dispersão por estocagem, consomem a polpa do cacau e enterram suas sementes para consumir depois. Parte dessas sementes germinam.



[p. 12]
Gavião Carijó (*Rupornis magnirostris*)



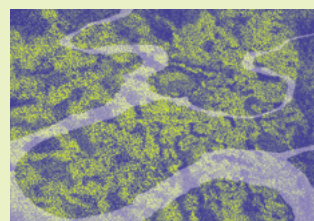
[pp. 30 e 33]
Cacauero (*Theobroma cacao*)
A espécie é originária das florestas tropicais úmidas da Amazônia. Comumente cresce em áreas de terra firme, próxima a cursos d'água, em solos profundos e bem drenados e sob dossel parcialmente fechado.



[pp. 46 e 49]
Macacos-prego (*Sapajus apella*)
Primates realizam a chamada dispersão primária do cacau. Eles ingerem a polpa e frequentemente descartam as sementes intactas.

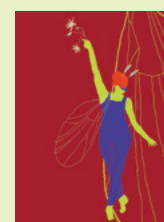


[p. 65]
Veado mateiro e folha do cacauero
Entre sombras de cacau, o veado-mateiro atravessa o silêncio da mata.



[pp. 14–15]
Rio voador e vista aérea da Floresta Amazônica
Os chamados rios voadores se formam a partir da umidade que vem principalmente do Oceano Atlântico, transportada pelos ventos alísios em direção ao norte da América do Sul.

Essa massa de ar úmido entra pelo litoral do Brasil, é reciclada pela evapotranspiração da floresta amazônica e depois segue rumo ao Centro-Oeste, Sudeste e Sul.



[p. 35]
Dança do inseto polinizador do cacau
O pequeno mosquito entra na flor em busca de alimento, encosta nos estames e fica coberto de pólen. Ao visitar outra flor, transfere o pólen para o estigma. Tudo isso acontece quase invisivelmente.



[p. 50]
Dança do macaco dispersor do cacau



[pp. 66–67]
Cortejo do cacauero

Relatório Anual 2025

Renata Piazzon direção geral

Paula Detoni coordenação geral do projeto

Pecan texto

Lívia Serri Francoio ilustrações

Mariana Serri assessoria artística

Bloco Gráfico projeto gráfico

Beatriz F. Mello assistente de design

Daniel Freitas e Luiz Attié equipe de comunicação

Ipsis impressão

Agradecimentos

A toda equipe Arapyaú, conselho de governança, conselho fiscal, parceiros, redes e coinvestidores.

Equipe Arapyaú

DIRETORIA EXECUTIVA

Renata Piazzon CEO

Vanise Andreasi assessora sênior

DIRETORIA DE OPERAÇÕES

Alex Holanda CFO

Paulo Sena controller

Amanda Moraes analista financeiro

Erica Dias coordenadora de RH e administrativo

Carolina Polisel analista administrativo

Cleane Gomes assistente administrativo

DIRETORIA DE ESTRATÉGIA E GOVERNANÇA

Débora Passos diretora de estratégia e governança

João Victor Pelozio coordenador de gestão de projetos

Élidi Inoue analista de estratégia e governança

Clariana Monteiro estagiária de PMO

DIRETORIA INSTITUCIONAL

Lívia Pagotto diretora institucional

Bruna Mattos coordenadora de cooperação internacional

Beatriz Pontes analista de cooperação internacional

Jahzara Ona estagiária de projetos

Giordano Magri coordenador de conhecimento

Rafaela Mendes analista de conhecimento

Paula Detoni gerente de comunicação

Daniel Freitas analista de comunicação

Luiz Attié analista de comunicação

DIRETORIAS PROGRAMÁTICAS

Ricardo Gomes diretor programático

Marina Zavanella coordenadora de projetos

Priscila Tavares analista administrativo

Nerivalda Santos auxiliar de serviços gerais

Vinicius Ahmar diretor programático

Victor Ferraz coordenador de bioeconomia

Geyce Ferreira especialista em bioeconomia

Laiza Dagnaisser analista de projetos em bioeconomia



O projeto gráfico desta publicação utiliza, nos títulos e textos, a tipografia brasileira Seiva. A obra foi impressa em papel Munken Lynx Rough 120 g/m², com capa em papel Sirio Color 210 g/m², em abril de 2026, na gráfica Ipsis.

Ilustrações

Livia Serri Francoio

